Sarney deixa o Governo tentando mudar imagem

Ailton C. Freitas

Sarney leva os netos para verem troca da Guarda no Planalto

O presidente José Sarney vai procurar, em pronunciamentos programados para este segundo semestre de 89, abordar as conquistas que assegura ter garantido na área social. Para traçar a estratégia dessa campanha de fim de governo, que inclui aparições em rede nacional de rádio e televisão como de anteontem, dia 7 de Setembro, o secretário particular do Presidente, Augusto Marzagão, encomendou uma série de seis pesquisas de opinião, três das quais já realizadas.

Marzagão acredita piamente que os índices de rejeição ao presidente Sarney não são tão altos como se tem publicado na imprensa. Há erros ou perguntas que induzem a respostas desfavoráveis - alega - na medida em que não se procura distinguir as responsabilidades dos Governos federal, estadual e municipal nos problemas do País.

O que o Palácio do Planalto encomendou a um instituto de pesquisa, cujo nome Marzagão não quer divulgar - os resultados também não serão publicados - é que seja posta em evidência a parcela de responsabilidade do presidente Sarney com relação a cada problema abordado, e, aí, então, medido o índice de rejeição. O objetivo, segundo ele, não é melhorar a imagem do Presidente neste fim de mandato, mas "restabelecer a verdade".

Meningite

O universo das pesquisas é de aproximadamente oito mil pessoas, garante o secretário, bem superior à média utilizada normalmente pelos institutos. Cerca de 24 mil pessoas já foram ouvidas. A série de 6 pesquisas será concluída em breve, e dos resultados e que se chegar dependerá o conteúdo dos próximos pronunciamentos e discursos do presidente Sarney. Vai se procurar esclarecer pontos obscuros.

Um dos itens de uma das pesquisas já realizadas abordava as queixas da população de São Paulo sobre a cobrança das vacinas contra meningite. Cerca de 60% dos entrevistados anteriormente condenavam o Governo por essa prática. Marzagão alega que esse índice caiu muito quando se foi mais adiante, levantando-se a questão: "Mas que Governo, o federal? Então isso é culpa do presidente Sarney?"

Estratégia semelhante foi aplicada com relação ao vale-transporte, cujos benefícios 40% das pessoas pensavam ser um favor das empresas de ônibus, enquanto trata-se, na verdade, de um subsídio do Governo Federal. O fato é que deduzindo-se do resultado das pesquisas tudo que não era de responsabilidade do Executivo Federal, mesmo que os entrevistados culpassem o Presidente, os índices de rejeição baixaram. Em pesquisas recentes, haviam chegado a mais de 90%. Marzagão alega que a rejeição, nesses novos critérios, é de apenas 55 a 56% nas grandes cidades e 34% no interior.

Dentro do critério de "restabelecer a verdade", o presidente Sarney já incluiu o pronunciamento de 7 de Setembro. O objetivo foi "lembrar à população tudo por que o Presidente passou para consolidar a democracia", diz Marzagão. O programa teve a co-autoria do ministro da Justiça, Saulo Ramos, que na quarta-feira atrasou audiências e largou tudo para atender a um chamado do Presidente. Sarney gostou do resultado e promete aparecer mais, trazendo de volta o velho lema: "Tudo pelo social".

Avô toma lugar do Presidente

O presidente Sarney decidiu relaxar as normas rígidas de sua segurança pessoal e ontem, pela segunda vez em 30 dias, apareceu em público na rampa do Palácio do Planalto para assistir à solenidade de troca de Guarda, que ocorre todas as sextas-feiras. A cerimônia de ontem teve como atração especial a Banda Marcial dos Fuzileiros Navais do Rio de Janeiro e reuniu os filhos dos funcionários da Presidência da República. Na condição de servidor, Sarney levou os seus seis netos, que assistiram à apresentação em local privilegiado, ao lado do avô e das babás, no alto da rampa de acesso ao Palácio, onde ficaram também seis crianças com deficiência física em tratamento no Hospital Sarah Kubitschek.

No rádio, apelo ao eleitor

No programa "Conversa ao Pé do Rádio" de ontem, dedicado às comemorações pela Independência, o presidente José Sarney fez um apelo à Nação para ir às urnas em 15 de novembro e eleger o novo presidente da República em clima de liberdade. "É a transição garantida" — afirmou. "Garantida por mim e pelo meu Governo, em nome do povo e para o povo".

Segundo o Presidente, foi preciso enfrentar muitas dificuldades para concluir o processo de transição democrática, restando como lembranças as marcas dos cabelos brancos. "Eu cheguei ao Governo de cabelos pretos e, neles, está a marca da minha luta. Tenho a consciência de que dei tudo de mim e à nossa Pátria nada neguei. Nem a angústia de sofrer muitas vezes calado nem a coragem de parecer fraco para tornar forte a liberdade que nós implantamos" — disse.

Sarney afirmou, ainda, não ter medo de voltar à condição de cidadão comum — "maranhense" — quando passar a faixa ao seu sucessor. "Eu acredito no povo e no Brasil e não tenho medo do julgamento da História" — disse, acrescentando que a sociedade democrática é uma conquista definitiva do seu Governo. Ao admitir erros durante a sua gestão, o presidente Sarney reconheceu na inflação o seu pior inimigo, que tentou várias vezes acalmar, mas não conseguiu. Mesmo assim, Sarney disse ter assegurado o crescimento, evitado uma nova recessão e permitindo que o nível de emprego não caísse para índices muito críticos.